LUMEN ET VIRTUS
ISSN: 2177-2789

PERCEPÇÕES DE JOVENS APRENDIZES SOBRE A GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO: EVIDÊNCIAS DE UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

PERCEPTIONS OF YOUNG APPRENTICES REGARDING AN UNDERGRADUATE DEGREE IN BUSINESS ADMINISTRATION: EVIDENCE FROM A UNIVERSITY EXTENSION EXPERIENCE

PERCEPCIONES DE JÓVENES APRENDICES SOBRE LA CARRERA UNIVERSITARIA DE ADMINISTRACIÓN: EVIDENCIAS DE UNA EXPERIENCIA DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA

https://doi.org/10.56238/levv17n66-074

Data de submissão: 14/10/2026 **Data de publicação:** 14/11/2026

Hamilton Felix Nobrega
Mestre em Desenvolvimento de Processos Ambientais
Instituição: Instituto de Ensino Superior de Olinda (IESO)
E-mail: prof.hamiltonfnobrega@gmail.com

José de Assis Neto Júnior
Graduando em Administração
Instituição: Instituto de Ensino Superior de Olinda (IESO)
E-mail: juninhodc33@gmail.com

Géssica Ferreira da Silva
Graduanda em Administração
Instituição: Instituto de Ensino Superior de Olinda (IESO)
E-mail: gessica.phonedata@gmail.com

Weslley Uiraquitan da Silva
Graduando em Administração
Instituição: Instituto de Ensino Superior de Olinda (IESO)
E-mail: uiraquitanweslley@gmail.com

Sandrelly Santa Rosa Pontes Pinto
Graduanda em Administração
Instituição: Instituto de Ensino Superior de Olinda (IESO)
E-mail: dellysrp@icloud.com

Pablo Ricardo do Ó Silva
Graduando em Administração
Instituição: Instituto de Ensino Superior de Olinda (IESO)
E-mail: pablloricardo29@gmail.com

Gustavo Henrique Brito da Silva
Graduando em Administração
Instituição: Instituto de Ensino Superior de Olinda (IESO)
E-mail: gustavosol200@gmail.com

Luiza Thallyta Grijp Queiroz da Silva
Graduanda em Administração
Instituição: Instituto de Ensino Superior de Olinda (IESO)
E-mail: luizathallyta8@gmail.com

RESUMO

Ao terminar o ensino médio, muitos jovens aprendizes já trabalham e raramente tiveram a chance de conhecer de perto a rotina de uma universidade, o que pode deixar a graduação distante de seus planos. Este trabalho relata uma ação de extensão do Instituto de Ensino Superior de Olinda (IESO) e procura entender como os jovens participantes a perceberam. Estudantes extensionistas, preparados em reuniões de planejamento e orientação, conduziram palestras e rodas de conversa com jovens aprendizes da Escola Dom Bosco, em Recife (PE), em três encontros realizados entre agosto e outubro de 2026. Ao final, 100 jovens responderam a um questionário estruturado. Para 70 deles, o interesse em cursar Administração cresceu; para 30, permaneceu igual, e ninguém relatou queda. Para 93 dos 100, as conversas ajudaram a esclarecer a rotina universitária, e 82 concordaram totalmente. Custo e dificuldade de conciliar trabalho e estudo foram os obstáculos mais lembrados. Como as respostas são autorrelatadas e vêm de um único grupo, os resultados mostram a percepção imediata dos jovens, e não o ingresso de fato. Conclui-se que o contato direto com universitários é um caminho promissor para aproximar jovens aprendizes da graduação, desde que venha acompanhado de informações práticas sobre acesso, bolsas e permanência.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Jovem Aprendiz. Administração. Ensino Superior. Acesso.

ABSTRACT

Upon finishing high school, many young apprentices are already working and have rarely had the chance to see university life up close, which can leave a degree far from their plans. This paper reports a university outreach project carried out by the Instituto de Ensino Superior de Olinda (IESO) and seeks to understand how the participating young people perceived it. After planning and guidance meetings, university students taking part in the project led talks and discussion circles with young apprentices at Escola Dom Bosco, in Recife (Pernambuco, Brazil), in three meetings held between August and October 2026. Afterwards, 100 young people answered a structured questionnaire. For 70 of them, interest in studying Business Administration grew; for 30 it stayed the same, and no one reported a decline. For 93 of the 100, the conversations helped clarify university routine, and 82 agreed completely. Cost and the difficulty of combining work and study were the obstacles most often mentioned. Because the answers are self-reported and come from a single group, the results show the immediate perception of the participants, not actual enrollment. It is concluded that direct contact with university students is a promising way to bring young apprentices closer to higher education, provided it comes with practical information on access, scholarships and retention.

Keywords: University Outreach. Young Apprentices. Business Administration. Higher Education. Access.

RESUMEN

Al terminar la educación secundaria, muchos jóvenes aprendices ya trabajan y pocas veces han podido conocer de cerca la rutina de una universidad, lo que puede alejar la formación universitaria de sus planes. Este trabajo relata una acción de extensión del Instituto de Ensino Superior de Olinda (IESO) y busca comprender cómo la percibieron los jóvenes participantes. Estudiantes universitarios del

proyecto, preparados en reuniones de planificación y orientación, dirigieron charlas y rondas de conversación con jóvenes aprendices de la Escola Dom Bosco, en Recife (Pernambuco, Brasil), en tres encuentros realizados entre agosto y octubre de 2026. Al final, 100 jóvenes respondieron un cuestionario estructurado. Para 70 de ellos el interés en cursar Administración aumentó; para 30 siguió igual, y nadie señaló una disminución. Para 93 de los 100, las conversaciones ayudaron a aclarar la rutina universitaria, y 82 estuvieron totalmente de acuerdo. El costo y la dificultad de conciliar trabajo y estudio fueron los obstáculos más mencionados. Como las respuestas son autodeclaradas y provienen de un único grupo, los resultados muestran la percepción inmediata de los jóvenes y no el ingreso efectivo. Se concluye que el contacto directo con universitarios es un camino prometedor para acercar a los jóvenes aprendices a la educación superior, siempre que venga acompañado de información práctica sobre acceso, becas y permanencia.

Palabras clave: Extensión Universitaria. Joven Aprendiz. Administración. Educación Superior. Acceso.

1 INTRODUÇÃO

Terminar o ensino médio é chegar a uma encruzilhada. Continuar estudando, começar a trabalhar ou tentar as duas coisas ao mesmo tempo são caminhos que disputam a atenção de quem tem entre 17 e 22 anos. Para o jovem aprendiz, a escolha é ainda mais delicada. O contrato de aprendizagem, previsto na Lei nº 10.097/2000, une formação teórica e prática no ambiente de trabalho (Brasil, 2000) e traz cedo um salário, uma rotina e uma primeira experiência profissional. Com isso, os dias ficam cheios, e a faculdade pode parecer cara, cansativa ou coisa de outra gente.

A universidade pode e deve ir ao encontro desses jovens. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional inclui, entre as finalidades do ensino superior, promover a extensão, aberta à participação da população (Brasil, 1996), e as diretrizes nacionais descrevem a extensão como a atividade que cria uma interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os demais setores da sociedade (Brasil, 2018). Na prática, isso quer dizer sair da sala de aula e conversar com quem está do outro lado, ouvindo tanto quanto falando.

Foi com esse espírito que o Instituto de Ensino Superior de Olinda (IESO), por meio do seu Programa Institucional de Extensão de 2026, levou estudantes extensionistas à Escola Dom Bosco, no Recife, para conversar com jovens aprendizes de um curso de formação administrativa sobre a graduação em Administração. A pergunta que orienta este trabalho é simples: depois de ouvir quem já está na universidade, os jovens aprendizes passam a ver o ensino superior, e o curso de Administração em particular, de outra maneira?

O objetivo geral é relatar essa experiência e compreender como os jovens a avaliaram. De forma mais específica, buscou-se: a) descrever como a ação foi planejada e conduzida; b) traçar o perfil dos 100 jovens que responderam ao questionário; c) identificar o que, antes da atividade, os afastava da ideia de cursar uma faculdade; d) verificar como avaliaram as palestras e as rodas de conversa; e) observar se o interesse em ingressar no curso de Administração mudou depois da experiência.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O JOVEM APRENDIZ E O CAMINHO ATÉ A UNIVERSIDADE

O aprendiz vive em dois mundos ao mesmo tempo: o da formação e o do trabalho. A própria lei da educação reconhece que os processos formativos acontecem também no trabalho, e não só nas instituições de ensino (Brasil, 1996). Decidir se vai ou não cursar uma faculdade, portanto, não depende apenas de vontade ou de nota. Depende de dinheiro, de tempo, de informação e, muitas vezes, de confiança. Os dados deste estudo conversam justamente com isso, como se verá adiante.

Freire (1996) lembra que ensinar exige respeito aos saberes que os estudantes já trazem consigo e que não há ensino sem escuta. Para quem já conhece o trabalho por dentro, isso significa que a

conversa sobre universidade deve partir da vida que o jovem leva hoje, e não de um modelo ideal de estudante.

2.2 A ADMINISTRAÇÃO COMO CAMPO DE FORMAÇÃO

Administrar, na definição clássica retomada por Chiavenato (2014), é planejar, organizar, dirigir e controlar os recursos de uma organização para que ela alcance seus objetivos. Como toda organização, da pequena loja à grande empresa, precisa de alguém que cuide dessas tarefas, o curso abre portas em áreas bem diferentes, como gestão de pessoas, finanças, vendas, produção e o próprio empreendedorismo. Para um jovem aprendiz que já circula por um ambiente administrativo, a graduação pode aparecer como um passo natural para entender melhor o que vê no dia a dia.

O momento atual acrescenta uma pergunta a mais: o que muda no trabalho de gestão com a inteligência artificial? Morin (2000) defende que a educação deve preparar as pessoas para enfrentar as incertezas e compreender o contexto em que vivem. Falar de inteligência artificial com quem está começando a carreira é, de certa forma, um exercício disso.

2.3 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO CONVERSA

A extensão, em sua melhor versão, não é a universidade levando conhecimento a quem não o tem. Freire (1996) defende que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para que ele seja construído por quem aprende. A diretriz nacional segue na mesma direção ao exigir uma interação transformadora, e não a simples transmissão de conteúdos (Brasil, 2018). Por isso, o encontro com os jovens aprendizes foi pensado como uma conversa.

A extensão também forma quem a realiza. Antes de ir à escola, os extensionistas passaram por orientações sobre comunicação, postura profissional e condução de atividades participativas, o que fez da preparação parte do aprendizado.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

Este trabalho é um relato de experiência de abordagem descritiva, apoiado nas respostas dos participantes a um questionário. Predominam as perguntas fechadas, analisadas por contagem e percentual. Duas perguntas abertas deram aos jovens a chance de explicar, com as próprias palavras, o que acharam dos relatos dos universitários e se ainda tinham dúvidas. A escolha acompanha a ideia de Minayo (2001) de que a pesquisa social lida com percepções, valores e significados que não cabem apenas em números.

3.2 LOCAL E ETAPAS DA AÇÃO

A ação aconteceu na Escola Dom Bosco, no Recife (PE), com a aprovação da coordenação da unidade, e teve duas fases. A primeira, de preparo, foi de abril a junho de 2026. Em abril e maio, reuniões definiram estratégias, metodologia, equipes e cronograma; em maio e junho, os extensionistas receberam orientações para as apresentações e para a condução das conversas.

A segunda fase reuniu os encontros presenciais, realizados em 27 de agosto e 18 de setembro, com turmas da manhã, e em 19 de outubro, com turmas da tarde. Os extensionistas falaram da importância da graduação em Administração, das áreas de atuação, do mercado de trabalho, das perspectivas profissionais e das transformações trazidas pela inteligência artificial. Circularam pelas turmas, responderam a perguntas e incentivaram o diálogo. Duas extensionistas empreendedoras contaram como a formação superior contribuiu para a gestão de seus negócios e para a tomada de decisões, e professores da escola participaram das conversas. De forma geral, o professor coordenador planejou o projeto, conduziu as reuniões, definiu a metodologia com a equipe, acompanhou as etapas e ajustou o cronograma ao calendário acadêmico. Quanto à divisão das tarefas, os estudantes extensionistas atuaram na investigação (coleta de dados) e na condução do projeto (extensão), e o professor coordenador ficou com a conceituação, a análise formal, a escrita e a supervisão.

3.3 INSTRUMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados vieram de um questionário estruturado em quatro blocos: perfil do participante; percepção prévia e barreiras; avaliação das ações educativas; e impacto e intenção futura. O instrumento não pedia nome nem qualquer outro dado que identificasse o jovem, para preservar o sigilo. Uma das perguntas usava escala de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). Responderam 100 jovens, de modo que, nas tabelas e figuras, o número de respostas e o percentual coincidem, exceto na pergunta sobre os motivos, respondida só por quem não pensava em cursar faculdade ou tinha dúvidas (35 jovens). Estima-se que cerca de 40 jovens tenham participado de cada encontro, o que dá perto de 120 presenças nos três dias, das quais 100 resultaram em questionários respondidos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 QUEM SÃO OS JOVENS QUE RESPONDERAM

A Tabela 1 traz o perfil dos participantes. O grupo é predominantemente feminino, muito jovem (a idade mais comum foi 19 anos) e, na maior parte, já com o ensino médio concluído. São pessoas, em outras palavras, que estão exatamente na etapa de decidir o que fazer depois da escola. Vale notar que 21 jovens marcaram a opção “outro” em escolaridade sem dizer qual, o que limita a leitura dessa categoria.

Tabela 1. Perfil dos jovens aprendizes participantes (n = 100).

Característica	Categoria	n	%
Gênero	Feminino	65	65%
	Masculino	32	32%
	Prefiro não declarar	3	3%
Escolaridade	Ensino médio concluído	57	57%
	Ensino médio em andamento	22	22%
	Outro (não especificado)	21	21%
Idade	17 anos	20	20%
	18 anos	20	20%
	19 anos	32	32%
	20 anos	11	11%
	21 anos	10	10%
	22 anos	7	7%

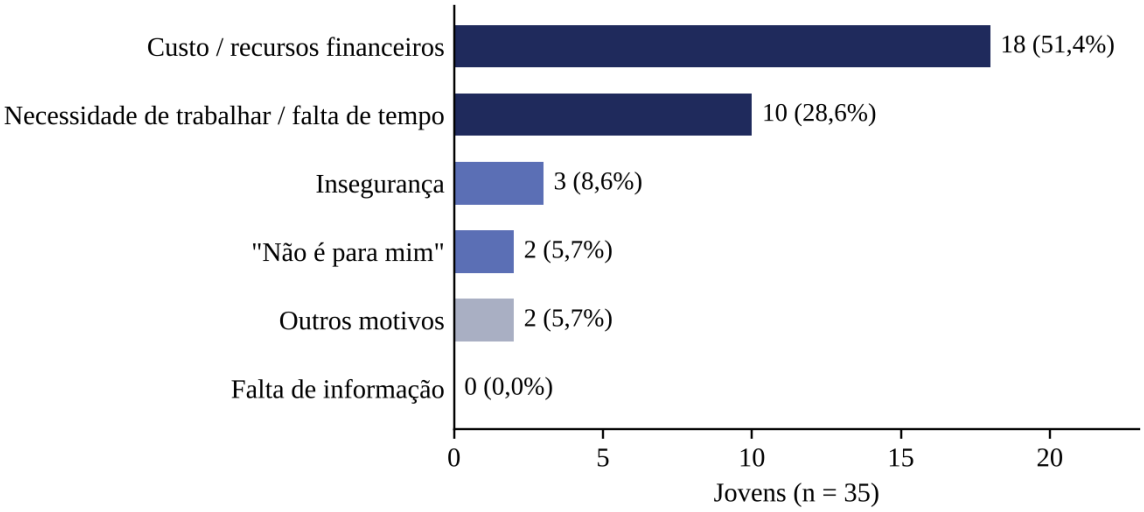
Fonte: Elaborada pelo autor, com base no questionário aplicado (2026).

4.2 O QUE OS JOVENS PENSAVAM ANTES E O QUE OS AFASTAVA

Antes das conversas, 65 jovens já pensavam em fazer faculdade, 25 não pensavam e 10 estavam em dúvida. Em outras palavras, 35 em cada 100 ainda não tinham o ensino superior como um projeto firme.

A pergunta sobre os motivos foi respondida apenas por esses 35 jovens, e a Figura 1 mostra o que eles disseram. O dinheiro pesou mais: 18 apontaram custo e falta de recursos, seguidos de 10 que citaram a necessidade de trabalhar ou a falta de tempo. A insegurança foi lembrada por 3 jovens, e a sensação de que a faculdade “não é para mim”, por 2. Outros motivos somaram 2 respostas, e ninguém apontou a falta de informação.

Figura 1. Principais motivos para não pensar em cursar faculdade ou ter dúvidas (n = 35).



Fonte: Elaborada pelo autor, com base no questionário aplicado (2026).

Somados, custo e trabalho respondem por 28 das 35 respostas, ou quatro em cada cinco. O dado sugere que, para esses jovens, o entrave principal não é desconhecer a faculdade, e sim encaixá-la na

vida e no orçamento, o que faz sentido para quem já divide o dia entre o trabalho e o curso de formação. Os números são pequenos, e por isso mostram uma tendência, não um retrato definitivo.

4.3 COMO AVALIARAM AS PALESTRAS E AS RODAS DE CONVERSA

A avaliação foi muito positiva. Ao responderem se as palestras e rodas de conversa ajudaram a esclarecer como é a rotina de um estudante universitário, 82 jovens marcaram a nota máxima (concordo totalmente) e 11 marcaram a nota 4, de modo que 93 em 100 concordaram. Quatro ficaram no meio da escala (nota 3) e três deram nota 2. Perguntados sobre o tema mais interessante ou esclarecedor, eles se dividiram como mostra a Tabela 2.

Tabela 2. Tema considerado mais interessante ou esclarecedor (n = 100).

Tema	n	%
O curso de Administração e suas áreas de atuação	35	35%
Os relatos de experiência dos universitários	30	30%
O mercado de trabalho para o administrador	20	20%
A importância da formação superior	15	15%

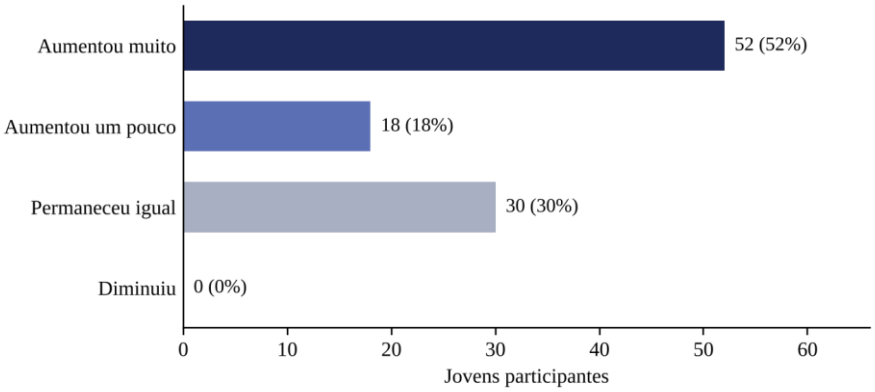
Fonte: Elaborada pelo autor, com base no questionário aplicado (2026).

Chama a atenção que os relatos pessoais ficaram quase empatados com o conteúdo do curso, e que os dois juntos reuniram quase dois terços das escolhas. O tema mais geral, a importância de estudar, foi o menos lembrado. Na pergunta aberta sobre os relatos dos extensionistas, a maioria respondeu de forma positiva e disse que os depoimentos a levaram a repensar suas perspectivas. O resultado sugere o que Freire (1996) vinha dizendo: ouvir alguém próximo, que fala a partir da própria vida, parece ter mais força do que um discurso amplo sobre o valor dos estudos.

4.4 O QUE MUDOU DEPOIS DA EXPERIÊNCIA

Depois da participação, 52 jovens disseram que o interesse em ingressar em Administração aumentou muito e 18, que aumentou um pouco. Para 30, ficou igual, e nenhum relatou queda (Figura 2). Ao todo, 70% sentiram algum aumento de interesse.

Figura 2. Interesse em cursar Administração após a participação na ação.



Fonte: Elaborada pelo autor, com base no questionário aplicado (2026).

Cruzando essa resposta com a pergunta sobre o que pensavam antes, o quadro fica mais claro. Dos 30 jovens cujo interesse permaneceu igual, 18 já pensavam em cursar uma faculdade, o que sugere que, para boa parte deles, o interesse já existia e havia pouco a aumentar. Os outros 12 não pensavam em faculdade ou estavam em dúvida e, para eles, a conversa não bastou para mudar o quadro. Do outro lado, entre os 35 jovens que não tinham a faculdade como projeto firme, 23 relataram aumento de interesse, e entre os 65 que já pensavam nela, 47 também relataram. Ou seja, o aumento apareceu nos dois grupos, e não apenas em quem já estava convencido.

Na pergunta aberta sobre dúvidas que ainda restavam quanto ao acesso, à permanência ou ao curso, 94 jovens responderam, e nenhum disse manter dúvidas. Os outros 6 deixaram a pergunta em branco. É um resultado positivo, mas convém lê-lo com cuidado: ele contrasta com o peso que custo e tempo tiveram entre os motivos citados antes, e dizer que não há dúvidas não significa que as dificuldades práticas tenham desaparecido.

4.5 O QUE ESTES NÚMEROS NÃO DIZEM

Alguns limites precisam ficar claros. Tudo o que se apresenta aqui é autorrelato: mede o que os jovens disseram sentir logo depois da atividade, e não o que vão fazer. Interesse não é matrícula, e só o acompanhamento ao longo do tempo dirá se algum deles chegou à universidade. As perguntas sobre o "antes" e o "depois" foram respondidas no mesmo questionário, de modo que a memória e o clima do encontro podem ter influenciado as respostas.

A avaliação muito positiva também pode refletir o entusiasmo do momento, a presença de professores da escola ou o desejo de agradar a quem conduziu a atividade. Por fim, não há grupo de comparação, o que é comum em relatos de extensão, e o número de presentes é uma estimativa (cerca de 40 por encontro), de modo que não se conhece com precisão a parcela dos jovens que respondeu ao questionário.

5 CONCLUSÃO

A experiência mostrou que um encontro simples, com universitários conversando com jovens aprendizes sobre a faculdade, pode mexer na forma como esses jovens enxergam o próprio futuro. Setenta em cada cem relataram mais interesse por Administração, ninguém relatou menos, e 93 concordaram que a conversa os ajudou a entender melhor a rotina de quem estuda na universidade. Os relatos de quem já está lá foram quase tão lembrados quanto o próprio conteúdo do curso.

Os números também mostram o que a conversa sozinha não resolve. Custo e falta de tempo foram as barreiras mais citadas, e nenhuma palestra muda isso. Por essa razão, as próximas edições devem levar informações práticas sobre formas de ingresso, bolsas e permanência, e acompanhar os participantes ao longo do tempo para saber se o interesse virou matrícula. Fica também a sugestão de incluir no questionário perguntas que abram espaço para críticas e de registrar com exatidão o número de participantes de cada encontro.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos à coordenação e aos professores da Escola Dom Bosco, pela acolhida da ação e aos 100 jovens aprendizes que interagiram e responderam ao questionário.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BRASIL. Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Brasília, DF: Presidência da República, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024 e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 dez. 2018, Seção 1, p. 49-50.

CHIAVENATO, Idalberto. Introdução à teoria geral da administração. 9. ed. Barueri: Manole, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.